



Educação para e pelo amor na família e a formação de valores humanistas

The encyclical “Laudato Si” of Pope Francis: contributions to reflection and socio-environmental practices

La encíclica “Laudato Si” del Papa Francisco: contribuciones para la reflexión y las prácticas socioambientales

José Luis Sepúlveda Ferriz¹

Resumo

A encíclica Laudato Si do Papa Francisco nos ajuda a refletir sobre os graves problemas socioambientais que afetam à Casa comum e à humanidade de forma globalizada. É uma proposta tanto de reflexão com embasamento analítico e teórico, como também é uma proposta de ação, individual e coletiva, com o objetivo de reagir de forma positiva e responder ética e ecologicamente através de propostas de ação perante a crise ambiental ou civilizatória, e que tornem o planeta mais sustentável, saudável, harmônico. Saber quem somos nos leva inseparavelmente a pensar onde estamos, e pensar onde estamos nos leva a refletir quem verdadeiramente somos.

Palavras-chave: Laudato Si. Casa comum. Reflexão. Sustentabilidade Socioambiental. Ética.

Abstract

Pope Francis' encyclical Laudato Si helps us to reflect on the serious socio-environmental problems that affect our common home and humanity in a globalized way. It is a proposal for reflection with an

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade Complutense de Madri-Espanha. Professor da graduação e da pós graduação na Universidade Católica do Salvador. Grupo de pesquisa LOGOS-UCSal/Cnpq. E-mail: jose.ferriz@pro.ucsal.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1258-8871>

analytical and theoretical basis, as well as a proposal for action, individual and collective, with the aim of reacting positively and responding ethically and ecologically through proposals for action in the face of the environmental and/or civilization crisis, and that make the planet more sustainable, healthy, harmonious. Knowing who we are leads us inseparably to think about where we are, and thinking about where we are leads us to reflect on who we truly are.

Keywords: Laudato Si. Common house. Reflection. Socio-environmental sustainability. Ethic.

Resumen

La encíclica Laudato Si del Papa Francisco nos ayuda a reflexionar sobre los graves problemas socioambientales que afectan a la Casa común y a la humanidad de forma global. Es una propuesta tanto de reflexión con fundamentación analítico-teórica, como también es una propuesta de acción, individual y colectiva, con el objetivo de reaccionar de forma positiva e responder ética y ecológicamente a través de propuestas de trabajo en frente de la crisis ambiental y/o civilizacional, y que hagan del planeta un lugar más sostenible, saludable armónico. Saber quiénes somos nos lleva inseparablemente a pensar en que lugar estamos, y pensar en el lugar donde estamos nos lleva a reflexionar quiénes somos verdaderamente.

Palabras clave: Laudato Si. Casa Común. Reflexión. Sostenibilidad Socioambiental. Ética.

1. Laudato Sí: cuidar da casa comum

Em maio de 2015 o Papa Francisco nos presenteou a toda a humanidade, católicos e não católicos, com a encíclica *Laudato Sí* – Sobre o cuidado da casa comum. Francisco em comunhão com o patriarca Bartolomeu, com um estilo cordial e poético, mas também com a pretensão de ser um documento propositivo e carregado de esperança, nos convida a refletir desde um espírito de acolhida e conversão o tema

da ecologia, a relação do ser humano com o meio ambiente, entendido como sistema-vida ou (Casa comum).

Diz Francisco na encíclica:

Toda análise dos problemas ambientais é inseparável da análise dos contextos humanos, familiares, trabalhistas, urbanos e da relação de cada pessoa consigo mesma que cria um determinado modo de relação com os outros e com o ambiente. (FRANCISCO, 2015, nº 141).

Por isso, a encíclica trata das contribuições sociais, econômicas, ambientais, éticas, teológicas e pastorais que se podem fazer desde a problemática socioambiental. A *Laudato Si*, como parte do magistério social da Igreja, nos lança um convite a renovar o diálogo ecumênico, mas também o diálogo com a ciência, com outras culturas, saberes, povos e espiritualidades, sobre a maneira de como estamos construindo o presente e o futuro do planeta.

O urgente desafio de proteger a nossa casa comum inclui a preocupação de unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar [...] A humanidade possui ainda a capacidade de colaborar na construção da nossa casa comum (FRANCISCO, 2015, nº 13).

Na encíclica Francisco apresenta o conceito de “ecologia integral”. Este conceito nos oferece a oportunidade e a necessidade de refletir nossa relação com o meio ambiente desde os campos econômico, ambiental, social, cultural, espiritual e desde a vida cotidiana (nº 147-148), em sintonia com a opção preferencial pelos pobres, vivendo laços de pertença e de solidariedade entre nós. Para o Papa Francisco, se faz

necessária uma ecologia que “integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e suas relações com a realidade que o circunda” (nº 15).

Francisco não deixa de chamar a atenção para a grande responsabilidade e imensa dignidade que todos nós, como parte da criação, como imagem e semelhança de Deus temos na corresponsabilidade pela criação, para além de qualquer forma de antropocentrismo despótico (nº 68) ou de biocentrismo cínico (nº 118). Desse modo, o “evangelho da criação” como o denomina o próprio papa, é um evangelho com características ecossociais, já que diz respeito a toda criatura e de modo particular ao ser humano.

Não pode ser autêntico um sentimento de união íntima com os outros seres da natureza, se ao mesmo tempo não houver no coração ternura, compaixão e preocupação pelos seres humanos. É evidente a incoerência de quem luta contra o tráfico de animais em risco de extinção, mas fica indiferente perante o tráfico de pessoas, desinteressa-se dos pobres ou procura destruir outro ser humano de que não gosta [...] Por isso, exige-se uma preocupação pelo meio ambiente, unida pelo amor sincero pelos seres humanos e a um compromisso constante com os problemas da humanidade (FRANCISCO, 2015, nº 91).

A proposta da encíclica não deixa de ser uma proposta que seja um parâmetro para a ética, a política e especialmente para a economia, configurada nas últimas décadas por uma racionalidade instrumentalizada modelada por um paradigma tecnocrático, que centraliza as relações socioambientais no modelo mercadológico e na

produção e consumo ilimitados. Para isso Francisco defende que a Terra é um bem coletivo, é um bem comum, a partir da ideia raiz da destinação universal dos bens da terra. Como afirma o Compêndio da Doutrina Social da Igreja Católica no nº 164:

Dentre as múltiplas implicações do bem comum, assume particular importância o princípio de destinação universal dos bens: ‘Deus destinou a terra, com tudo o que ela contém, para o uso de todos os homens e de todos os povos, de tal modo que os bens criados devem bastar a todos, com equidade, segundo a regra da justiça, inseparável da caridade’. Este princípio se baseia no fato de que: ‘A origem primeira de tudo o que é bem é o próprio ato de Deus que criou a terra e o homem, e ao homem deu a terra para que a domine com seu trabalho e goze de seus frutos (Gn 1, 28-29). Deus deu a terra a todo o gênero humano, para que ela sustente todos os seus membros sem excluir nem privilegiar ninguém. Esta é a raiz do destino universal dos bens da terra. (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2011, p. 104).

Este deve ser um princípio basilar sobre o qual se deve construir uma nova concepção de desenvolvimento integral e socioambiental (racionalidade ecológica), e não só desde uma perspectiva de crescimento (racionalidade instrumental).

Há discussões sobre problemas relativos ao meio ambiente, onde é difícil chegar a um consenso. Repito, uma vez mais, que a Igreja não pretende definir as questões científicas nem se substituir à política, mas convido a um debate honesto e transparente, para que as necessidades particulares ou as ideologias não lesem o bem comum (FRANCISCO, 2015, nº 188).

Junto com o conceito de ecologia integral também aparece na encíclica o termo “justiça integral”. O valor do “ser” se sobrepõe ao de “ser como valor útil” (nº 69). A injustiça extrema que se pratica com muitos irmãos e irmãs é ruptura com Deus e com a Terra. Para Francisco a justiça pressupõe uma integralidade que associe a equidade social com a justiça ambiental. Uma justiça integral, social e ambiental supera a manipulação do conceito de sustentabilidade. Francisco é enfático enquanto a isso:

[...] Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza [...] Isto nos impede de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida (FRANCISCO, 2015, nº 139).

Por tanto, somos todos e tudo criaturas. Tudo está interligado. As soluções devem ser integrais apontando para estilos diferentes de vida, que superem o paradigma tecnocrático e nos orientem para uma conversão ecológica. Se o documento de Aparecida², documento do episcopado latino-americano, nos instigava a uma conversão pastoral, na encíclica *Laudato Sí*, se nos apresenta o conceito de “conversão ecológica”. Francisco propõe uma conversão que integre a espiritualidade, conhecimento, experiência, movimento social e político como forma de aproximação integral e sistêmica com o meio ambiente.

² Documento Final da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Aparecida (SP), 13-31 de maio de 2007.

Por isso, é preciso fazer uma revisão séria sobre o estilo de vida contemporânea, muito voltada para o hedonismo e consumismo exacerbados, independente dos danos que possam ocasionar (nº 51). Danos ambientais profundos que causam mudanças climáticas e impactos gravíssimos na natureza e na saúde humana, como projetos de mineração, a agricultura intensiva como o agronegócio e as culturas transgênicas, a perda de florestas e bosques nativos e simultaneamente a perda de espécies animais e vegetais, a qualidade de rios e oceanos, etc.

Quando se analisa o impacto ambiental de qualquer iniciativa econômica, costuma-se olhar para seus efeitos no solo, na água e no ar, mas nem sempre se inclui um estudo cuidadoso dos impactos na biodiversidade, como se a perda de alguma espécie ou grupos de animais ou vegetais fosse algo de pouca relevância (FRANCISCO, 2015, Nº 35).

Esta é a melhor forma de deixar um mundo sustentável às gerações futuras (nº 190). Francisco nos convida à educação ambiental, uma aliança entre a humanidade e o meio ambiente a partir das pequenas ações diárias, com um estilo de vida humilde, simples e austero, vivenciando a liberdade real e efetiva que nasce da gratuidade, da doação, da solidariedade e do cuidado entre todos.

A partir daqui apresento de forma sucinta algumas considerações sobre o pensamento socioecológico e que se inserem dentro do pensamento ecológico da encíclica do Papa Francisco.

2. A Laudato Si e o pensamento socioecológico

A reflexão sobre o meio ambiente ou a natureza, desde finais dos anos setenta do século passado, vem ocupando espaços de discussão cada vez maior. Isto por vários motivos:

- a. Podemos dizer que o meio ambiente tem uma ligação direta com o tema do desenvolvimento econômico. Existe uma relação direta entre a economia e o meio ambiente. Como definir o âmbito e a finalidade da economia, será a grande questão que se tenta responder, desde os clássicos da economia como Adam Smith, Ricardo e Malthus, passando por Stuart Mill, Marx, Keynes, até os dias atuais com Robinson, Arrow, Sen, entre outros. Faz tempo que a economia vem impondo um modo de pensar “instrumentalista”, fundamentada na ideia de “valor”, enquanto à relação com o meio ambiente. Um posicionamento “formalista”, por parte da ciência política e econômica que se faz cada vez mais afasta da vida real das pessoas e prejudicando a relação com o meio ambiente, já que interesses utilitaristas serão privilegiados na frente dos ecológicos. Poderíamos dizer que existe uma dominação ideológica da ideia de mercado e da dimensão de poder desta.
- b. Toda esta forma de pensar, exposta no ponto anterior, está gerando uma crise ambiental de abrangência global. Desde os anos setenta do século XX, cientistas, filósofos, sociólogos, ambientalistas, acadêmicos de forma geral, começam a se preocupar pelos efeitos gerados pela voraz política econômica. O

Club de Roma, PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), junto com pensadores de diferentes áreas, como Hans Jonas, Rachel Carson, James Lovelock, Amartya Sen, Enrique Leff, Augusto Ángel Maya, Ignacy Sachs entre outros, começam a pensar em outras formas de desenvolvimento e de relação com a natureza a partir das ideias de “sustentabilidade” e “biodiversidade”. Uma nova forma de pensar o social, o ambiental e o humano desde a ética sócio econômica e ambiental.

- c. Tudo isto exige, novas forma de pensar o desenvolvimento socioeconômico e ambiental desde outras perspectivas, em que se exija interpretar a realidade de forma diferente. Nos obriga a ver e avaliar o mundo, as pessoas e seus processos, além do convencional. Para isso, será fundamental integralizar a ética, dentro desse processo, orientando na reflexão e buscando como implantar novas práticas em relação ao meio ambiente, mas não valorizando explicitamente o econômico. Conceitos como os de justiça, democracia, direitos, liberdades, devem ir ao encontro da ideia de sustentabilidade como fonte e fundamento de um desenvolvimento integral humano, social e ambiental, a curto, médio e longo prazos.
- d. Outro ponto importante, para ver o alcance do aprofundamento, é que o meio ambiente ou a natureza tem valor ou finalidade por si mesma. Que quer dizer isto? Que o meio ambiente deixa de ser pensado como depósito de materiais úteis para o comércio ou a

industrialização, e se vai transformando em companheiro de viagem da humanidade, compartilhando um mesmo destino. Desta forma entendemos que o futuro do planeta e de toda a humanidade não é através da exploração e a manipulação e sim através da colaboração, o respeito e a conservação. Redescobrir na natureza seus próprios valores a faz portadora de dignidade e respeito.

Neste sentido, como afirma Ferriz (2020, p. 110) a viabilidade do que podemos entender como o desenvolvimento socioambiental se tem convertido num dos maiores retos teóricos, éticos, políticos e ambientais de nossa contemporaneidade. Conceitos como o de “ecologia integral” que Francisco utiliza na encíclica, envolve todo um processo de reflexões e comprometermos a nível individual e institucional. Daí tem surgido o imperativo de “ecologizar” a economia, a tecnologia e a moral.

Em uma época de grandes transições, como as que estamos vivenciando, demográficas, ambientais, tecnológicas, econômicas, políticas, sanitárias, etc., precisamos de novas visões para ver o que está diante de nós e para contextualizar o desenvolvimento integral humano (sistema econômico, sociocultural, político-institucional, educativo, ético) junto com todas as formas de vida, evitando enfoques reducionistas, renovando os princípios éticos e nossa escala de valores com relação ao meio ambiente. Como também continuar aprofundando na essência das relações estruturais e dialéticas entre as diferentes esferas, a da economia (econoesfera), a da sociedade (socioesfera) e a da vida (biosfera). (FERRIZ, 2020, p. 112).

- e. Uma outra evidência que a encíclica nos lembra é que a partir do sistema econômico “standard”, desenvolvido pelas políticas econômicas globalizadas do sistema capitalista e do paradigma tecnocrático que o viabiliza, se gera uma série de desequilíbrios sociais e ambientais, provocando a degradação em nível geral da qualidade de vida humana e a não humana. Como por exemplo: a poluição e as mudanças climáticas; a questão da água; a perda de biodiversidade e a qualidade de vida; a degradação social; desigualdade planetária, etc. Por isso Francisco nos convida à reflexão e ainda mais, a uma conversão, a partir de uma profunda revisão dos princípios norteadores que guiam a conduta humana na tomada de decisões sobre as práticas do uso dos recursos naturais.

Uma mudança de racionalidade deve ser proposta! Uma racionalidade socioambiental que reflita o sistema, como algo integrado em esferas de racionalidade, que possam ser fundamento e compreensão de novos valores que ajudem nos processos da gestão socioambiental. É ir passando cada vez mais, de uma teoria ou desde uma cultura ecológica ideológica, para um processo de prática que gere mobilização nos diferentes agentes sociais e que promova potencialidades para um desenvolvimento equitativo e sustentável em níveis social e ambiental. É o que o Papa Francisco nos propõe com o conceito de *Ecologia Integral*.

3. A Ecologia Integral desde o pensamento de Francisco

A ecologia vai se desenvolvendo cada vez mais, não só de forma conceitual, como ciência da biosfera, mas também como *paradigma de referência* para diversas áreas como a educação, a ética, a política, a saúde, a economia, etc.

Podemos dizer que para Francisco a ecologia se transforma em um *signal dos tempos*. Luzes e sombras na sociedade contemporânea, nos falam sobre os limites e as consequências de um paradigma tecnocrático, que deixa efeitos catastróficos de exploração antropocênica com relação ao meio ambiente. Os nº 103-104 da encíclica nos apontam para os benefícios da tecnologia, sem dúvida muitos, mas também nos alerta para a precaução, já que historicamente temos motivos para ficar preocupados com os efeitos que o mau uso da tecnologia pode fazer em mãos erradas. É o que podemos denominar de paradigma tecnocrático amparado pela racionalidade instrumental. Esse tipo de pensar e de agir, aliados a uma economia de mercado sem precedentes e a uma ideologia do progresso ilimitado e a qualquer custo, provoca sérios danos ao planeta.

Toda esta postura ideológica do lucro, da concentração de renda e das políticas econômicas concentradas no capital, favorecem, segundo Francisco, a exclusão social e a cultura “do descarte” em relação aos resíduos ambientais, quanto aos resíduos sociais (geração de pobreza) (nº 48-49). Não podemos esquecer que isto, são grandes gargalos, gravíssimos problemas em nossa sociedade.

Para superar essa “irracionalidade” instrumental, Francisco nos propõe uma “ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que lhe

ponham realmente um limite e o contenham dentro de um lúcido domínio de si” (nº 105). Francisco nos propõe outra racionalidade, a racionalidade ecológica. Antes do Papa Francisco, outros pensadores, ligados às questões ambientais, como o sociólogo mexicano Enrique Leff, já tinham feito uma proposta semelhante, a partir da ideia de racionalidade ambiental³. Valores como diversidade biológica, produtividade ecológica, heterogeneidade cultural, pluralidade política e democracia participativa, são componentes importantes, desde a reflexão da racionalidade ambiental, para a construção de um novo paradigma com bases no desenvolvimento alternativo e a sustentabilidade ambiental.

Esta forma de pensar de Francisco entra em profunda sintonia em relação à intermediação entre a humanidade, a natureza e sociedade. Como afirma Maçaneiro (apud MURAD; TAVARES, 2016, pp. 79-80):

“O Papa fala da “cultura ecológica” (nº 111) e sugere outra racionalidade, a racionalidade ecológica: mais atenta à relação entre humanidade, natureza e sociedade; baseada na interação das espécies e dos ecossistemas; focada na sustentabilidade do presente e do futuro do planeta; que promova a conversão ecológica da moral, da política, da economia, da educação e da espiritualidade.”

Na encíclica, Francisco nos propõe o conceito de Ecologia Integral (nº 137). Podemos dizer que seria uma abordagem holística (na ideia de

³ Enrique Leff (1946-) é um dos principais nomes em América do Sul no âmbito da problemática socioambiental. Foi coordenador da Rede de Formação Ambiental da América do Sul e Caribe, do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e, também é professor da Universidade Autônoma do México (UNAM). Autor de livros como *Ecologia e Capital*, *Epistemologia Ambiental*, *Racionalidade Ambiental*, *Complexidade Ambiental*, entre outros.

ecossistema global) que integra a humanidade, a natureza e a sociedade, como afirmamos anteriormente. Este conceito nos leva a refletir como se fundamentam e se relacionam a complexidade da vida no planeta Terra, desde os aspectos objetivos e subjetivos, na relação dos ecossistemas com a humanidade, desde um paradigma de ecologia complexa. Para isso não podemos perder o horizonte da economia, da política, da cultura, já que elas se comunicam e interrelacionam mutuamente. A proposta de Francisco é a de ecologizar a economia, a cultura e o nosso dia a dia, como proposta ética, tendo como horizonte o princípio do Bem Comum.

A ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social. É «o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição». (FRANCISCO, 2015, N° 156).

Continua sendo fundamental insistir na reflexão sobre o Bem Comum para entender bem o conceito de Casa Comum, já que seu significado, entendimento e aplicabilidade na nossa sociedade, passa pelos conceitos de dignidade, unidade, igualdade entre todas as pessoas e entre elas e o meio ambiente. O conceito de Bem Comum é constitutivo para a compreensão da própria natureza social. Portanto o Bem Comum exige de todos nós, como membros de uma sociedade, respeito para com a pessoa integral e de seus direitos fundamentais (entre eles o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado). Isso quer dizer, Responsabilidade e Comprometimento!

Responsabilidade que se abre à Justiça, à Participação, à Solidariedade, à Subsidiariedade, entendidos como valores-princípios fundamentais para uma convivência mais saudável, digna e justa entre todos nós e entre nós e o meio ambiente, assim representado o ambiente integral.

Mas a aplicabilidade e a responsabilidade junto com o Comprometimento pelo Bem Comum não só é uma tarefa individual, mas é dever do Estado, já que o bem comum é a razão de ser da comunidade política. O fim da vida social é o bem comum: ele tem valor somente em relação à obtenção dos fins últimos da pessoa e ao bem comum universal de toda a criação. Como muito bem afirma o Pontifício Conselho “Justiça e Paz” a Doutrina Social da Igreja, no nº 175:

A destinação universal dos bens comporta, portanto, um esforço comum que mira obter para toda a pessoa e para todos os povos as condições necessárias ao desenvolvimento integral, de modo que todos possam contribuir para a promoção de um mundo mais humano (2011, p. 105).

Francisco afirma também que o Bem Comum está ligado com a Justiça Intergeracional e nos provoca com um questionamento importante: Que tipo de mundo queremos deixar às próximas gerações? Não só em relação ao meio ambiente, como também ao sentido e os valores que queremos dar à nossa existência. Se entre esses valores se encontra o Outro: as crianças, as mulheres, os jovens, os idosos, aqueles que ainda não nasceram, mas que nascerão e de forma especial os mais

pobres e necessitados da nossa sociedade. Francisco assim nos interpela no nº 162:

O homem e a mulher deste mundo pós-moderno correm o risco permanente de se tornar profundamente individualistas, e muitos problemas sociais de hoje estão relacionados com a busca egoísta duma satisfação imediata, com as crises dos laços familiares e sociais, com as dificuldades em reconhecer o outro. Muitas vezes há um consumo excessivo e míope dos pais que prejudica os próprios filhos, que sentem cada vez mais dificuldade em comprar casa própria e fundar uma família. Além disso esta falta de capacidade para pensar seriamente nas futuras gerações está ligada com a nossa incapacidade de alargar o horizonte das nossas preocupações e pensar naqueles que permanecem excluídos do desenvolvimento (FRANCISCO, 2015, Nº 162).

A partir do capítulo quinto Francisco nos orienta para a ação. Que podemos fazer? Como podemos transformar o mundo desde o diálogo e o cuidado? Desde a ideia da Ecologia Integral, Francisco vai do discernimento às propostas que podem ajudar no debate honesto e transparente sobre a ecologia. Para isso o Papa propõe propostas e perspectivas em três campos: o ético, o político e o econômico. Escolho dois pontos de cada campo, como centrais já que os outros se podem entender a partir e/ou em relação a estes:

Na Ética:

- Reconhecer “como as diferentes criaturas se relacionam, formando aquelas unidades maiores que hoje chamamos de ecossistemas, não só para determinar qual seria seu uso razoável, mas também porque possuem um valor intrínseco, independente de tal uso”

(nº 140). Seria passar de um antropocentrismo exacerbado e desordenado, para outras formas de convivência e corresponsabilidade como a dimensão biocêntrica;

- Considerar os objetivos, os efeitos, o contexto e os limites éticos das atividades tecnológicas humanas (iniciação biológica e engenharia genética, etc.), pois é uma forma de “poder com grandes riscos” (nº 131). “Há necessidade de uma atenção constante, que leve em consideração todos os aspectos éticos implicados nas pesquisas” (nº 135).

Na Política;

- Diálogo para novas políticas nacionais e locais (nº 176-181);
- Diálogo e transparência nos processos decisórios (nº 182-188).

Para a consolidação da Democracia, emerge o desafio da construção de um novo paradigma, pautado por uma agenda de inclusão, que seja capaz de assegurar um desenvolvimento sustentável, mais igualitário e democrático, nos planos local, regional e global. A prevalência dos direitos humanos e do valor democrático há de constituir a tônica deste novo paradigma, sob as perspectivas de gênero, raça e etnia (PIOVESAN, 2000, p. 5), do mesmo modo, como pondera Corrêa (2000, p. 214), a realização democrática de uma sociedade, compartilhada por todos os indivíduos ao ponto de garantir a todos o acesso ao espaço público e condições de sobrevivência digna, tendo como valor-fonte a plenitude da vida (MATTE; DIEL apud ZAMBAM; KAMPHORST, 2017).

Na Economia:

- “Atentar aos distintos níveis de desenvolvimento entre países, mas também dentro dos países pobres, onde se devem identificar diferentes responsabilidades. Olhar as questões relativas ao meio

ambiente e ao desenvolvimento econômico não apenas a partir das diferenças entre os países”. (nº 176);

- “Refletir responsabilmente sobre o sentido da economia e de seus objetivos para corrigir as suas disfunções e deturpações. Não é suficiente conciliar, a meio-termo, o cuidado da natureza com o ganho financeiro ou a preservação do meio ambiente com o progresso. [...] Um desenvolvimento tecnológico e econômico somente é considerado progresso se deixa um mundo melhor e promove qualidade de vida integralmente superior” (nº 194).

Mudança de estilo de vida, de atitude e uma educação/cultura voltada para o respeito e corresponsabilidade com o meio ambiente, são gestos de um processo de mudança ética, cultural e civilizatória com relação ao ser humano e as questões socioambientais, amparados no diálogo, no cuidado, na justiça e na responsabilidade que é de toda a humanidade.

Considerações finais

Estamos todos nós chamados a formar e a dar sentido a uma cultura cidadã ecológica. Para isso e em sintonia com a encíclica *Laudato Si*, precisamos continuar refletindo sobre o tema da ecologia, das questões socioambientais, as problematizações que geram e as futuras soluções que podemos pensar juntos, em todas as instâncias e níveis possíveis: família, escola, universidades, meios de comunicação, no sistema democrático, etc.

Não podemos deixar de pensar sobre o que está acontecendo com a nossa Casa Comum. É um dever e, uma obrigação que assumimos como partes integrantes de um ecossistema maior chamado de BIOSFERA, a esfera da Vida. Integrar cada vez mais em nossos estudos e em nossas práticas, desde o conceito de ecologia integral, entendida como ecologia ambiental, econômica, social, cultural, política e da vida cotidiana, em decorrência da corresponsabilidade e o compromisso que temos com o meio ambiente e as futuras gerações.

Devemos entender tudo isto como um processo que nos leve a mudança de atitudes e do grau de comprometimento com as questões socioambientais. Ir superando a atitude antropocêntrica, pela atitude Ecocêntrica. Não se trata somente de preservar, é ir além. É buscar atitudes e procedimentos individuais e coletivos para uma conscientização e educação que estejam centralizadas numa atitude de abertura ao ecológico e à sustentabilidade socioambiental. Tendo em vista o social e o ambiental como uma interrelação que se estabelece através de processos culturais, históricos, econômicos, ecológicos, políticos, etc.

Construir juntos, modelos de desenvolvimento integrado que primem pela sustentabilidade socioambiental, que tenham como meta alcançar condições mais justas para a convivência humana em harmonia com o meio ambiente, mantendo um equilíbrio entre seus membros, e destes com os demais recursos e mecanismos sociais e ambientais. As propostas de Enrique Leff sempre são atuais:

O planejamento de políticas ambientais para um desenvolvimento sustentável, baseado no manejo

integrado dos recursos naturais, tecnológicos e culturais de uma sociedade, conduz à necessidade de compreender as inter-relações que se estabelecem entre processos históricos, econômicos, ecológicos e culturais no desenvolvimento das forças produtivas da sociedade. Isto obriga a pensar nas relações de interdependência e multicausalidade entre os processos sociais e ecológicos que condicionam o potencial produtivo dos recursos de uma formação social, seus níveis de produtividade e as condições de preservação e regeneração dos recursos naturais (LEFF, 2011, p. 80).

Desse modo, ao pensar o respeito em relação ao meio ambiente, a educação ambiental é um caminho possível para compreender os fatores de descaso com a natureza, assim como, para formular possibilidades de conscientizar os seres humanos sobre suas responsabilidades.

O cuidado com o meio ambiente deverá estar marcado pela solidariedade e inclui vários princípios do desenvolvimento humano que vigoram no cotidiano de cada indivíduo e em suas relações com os demais e com as futuras gerações, tais como a interdependência, a diversidade, a flexibilidade, a ciclicidade e a associação. Estes princípios enfatizam a dimensão humana para além do bioecológico e o aspecto futuro, para além do presente (CORRÊA; BASSANI, 2015). Pensar no cuidado como abertura e diálogo que fortaleça a corresponsabilidade e o comprometimento para além do aqui e do agora. Pensar esta interrelação desde uma integração entre o biológico, o social, o político, o ético.

Temos um árduo caminho pela frente! Francisco nos convida à reflexão para uma possível transformação de atitudes com relação ao

meio ambiente, através do comprometimento ético e social e também nos convida à reflexão para continuarmos a debater temas como hiperconsumo, degradação ambiental predatória, economia global de mercado, e os efeitos que todas estas atitudes causam ao meio ambiente e na sociedade, especialmente aos mais carente, pobres e excluídos da sociedade.

A Responsabilidade ambiental nos impulsiona para uma aplicação mais digna e justa dos direitos humanos e ambientais. Responsabilidade entendida como abertura, como cuidado, como equilíbrio, precaução e diálogo com os outros (dimensão ético-antropológica) e o outro, entendido como o Meio Ambiente (dimensão ecológica).

Neste sentido, a encíclica *Laudato Si* nos oferece uma importante contribuição, como análise da conjuntura das gravíssimas questões ambientais e como tentativa de resolução de problemas, que afetam a simbiose da humanidade com a natureza, a nossa Casa Comum.

Referências bibliográficas

CORREA, D. A.; BASSANI, M. A. Cuidado ambiental e responsabilidade: possível diálogo entre psicologia ambiental e logoterapia. **Psicologia Em Estudo**, 20(4), 2015, 639-649 <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v20i4.28453>. Acesso: março 2022.

FERRIZ, S, J. L. **A Liberdade e a Justiça: Horizontes para uma racionalidade socioambiental**. Brazil Publishing, Curitiba, 2020.

FRANCISCO, P. **Laudato Si**. Carta encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. Vaticano, 2015. Laudato si' (24 de maio de 2015) | Francisco (vatican.va)

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MURAD, A; TAVARES S, S. (Org.). **Cuidar da casa comum: chaves de leitura teológicas e pastorais da Laudato Si**. Paulinas, São Paulo, 2016.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. **Compêndio da doutrina social da Igreja**; tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), 7 ed., Paulinas, São Paulo, 2011.

ZAMBAM, N. J; KAMPHORST, M. A. (Org.) **Estudos sobre Amartya Sen**. Volume 2: Justiça, Liberdade e Desenvolvimento. Porto Alegre, Ed. Fi, 2017.